



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

16998 - Resumo Expandido - Trabalho em Andamento - 16ª Reunião Científica Regional da ANPEd - Sudeste (2024)
ISSN: 2595-7945
GT 09 - Trabalho e Educação

CONSERVADORISMO E EDUCAÇÃO: UMA PESQUISA SOBRE O LÉXICO NEOFASCISTA A PARTIR DO MOVIMENTO ESCOLA SEM PARTIDO
Renata Azevedo Campos - Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ
CONSERVADORISMO E EDUCAÇÃO: UMA PESQUISA SOBRE O LÉXICO NEOFASCISTA A PARTIR DO MOVIMENTO ESCOLA SEM PARTIDO

A educação formal é uma mediação estratégica nas disputas políticas e na consolidação das relações capitalistas, ocupando papel central em momentos de crise, como aquele em que se organizou o discurso neofascista no Brasil. Referimo-nos, aqui, à incorporação da pauta moral e da agenda dos costumes pelos grupos ultraconservadores, no entorno de 2010, quando ganharam projeção nacional. Nesse contexto, é na educação que esse debate ganha fôlego a partir do combate à chamada “ideologia de gênero” e ao papel da escola em sua difusão (MIGUEL, 2016).

Consideramos, portanto, a existência de um movimento fascista que conduziu Jair Bolsonaro à presidência, ainda que não se tenha construído um regime com tal caracterização (BOITO JR., 2020). Essa abordagem é justificada pela mobilização conservadora das massas, numa manifestação política protagonizada pela pequena burguesia e pelas frações assalariadas médias. A articulação de uma agenda negativa e pouco propositiva com a definição do “outro” a ser odiado também aproxima o cenário brasileiro do fascismo do início do século XX.

Na construção desse ideário, a legitimação e o reconhecimento do discurso se desenvolveram a partir da ação de intelectuais organizados nos Aparelhos Privados de Hegemonia/APHs (GRAMSCI, 2014). Seguindo a compreensão de Pierre Bourdieu (2008), podemos entender que o poder de enunciação passa tanto pela legitimidade do enunciador quanto pela ressonância da representação criada, no contexto de recepção. Nesse sentido, em diálogo com Gramsci e Bourdieu,

buscamos compreender a formulação da linguagem neofascista, no Brasil, tendo em vista as organizações de elaboração, os agentes envolvidos e, sobretudo, o léxico utilizado. Isso porque, quando reconhecido e replicado, o léxico ganha vida própria na produção de novas representações, dando força criadora à hegemonia.

A organização desse discurso, sedimentado sobre o ódio ao outro e a desumanização do inimigo, foi protagonizada pelo Movimento Escola Sem Partido/MESP, forjado como um APH articulador de intelectuais de extrema direita e difusor de suas ideias. A propagação da pauta conservadora teve, portanto, a educação como alvo privilegiado, a partir do ataque aos professores, definidos como doutrinadores, e à escola pública, definida como espaço de difusão da chamada ideologia de gênero (MATTOS, 2020).

Na história do MESP, hoje desarticulado, podemos identificar algumas fases principais, a contar de sua criação em 2004. No primeiro momento, a despeito de sua projeção relativamente pequena, esse APH conseguiu organizar o discurso anticomunista, tendo como foco os livros didáticos e a atuação de docentes que, supostamente, faziam uso da educação para propaganda política. As palavras da vez eram “doutrinação”, “esquerdismo”, “ideologização do ensino” e “professor militante”, como se pode depreender das matérias disponíveis no site do Escola Sem Partido.

A partir de 2010, vemos a incorporação da pauta dos costumes, articulando o antipetismo com a suposta dissolução moral intrínseca ao comunismo. Por meio do ataque ao que chamaram de “ideologia de gênero” e “Kit Gay”, que estariam sendo promovidos pelo PT nas escolas, o léxico se amplia incorporando uma agenda positiva em defesa dos “valores tradicionais”, da “autoridade moral”, do “núcleo familiar”. À dita neutralidade, central na fase anterior, se soma a defesa da primazia da família na educação de seus filhos, fomentando o ódio ao trabalho educativo problematizador e ao próprio conhecimento, visto como um motor de arrogância e desrespeito no seio familiar.

Esse debate ganha força no contexto de elaboração do Plano Nacional de Educação e da Base Nacional Comum Curricular, se materializando na exclusão dos conceitos ligados aos estudos de gênero dos documentos oficiais. A ofensiva sobre o plano legal se amplia nos anos seguintes, a partir da emergência de projetos de lei para o controle da atuação docente nas escolas que, mesmo não aprovados, deixaram a sua marca no ambiente educacional.

Com apoio do grande capital, o processo de ebulição conservadora vai culminar no golpe de 2016, quando a crise econômica, em conjunto com todo o aparato jurídico criado para denunciar os governos PT, permitiu a interpretação das contradições sociais como decorrentes da corrupção financeira e moral desse partido. Desse modo, devemos destacar a ofensiva ideológica e o recurso aos dispositivos de ódio, sem desconsiderar os condicionantes econômicos e políticos que permitiram a efervescência desse ideário.

Com efeito, um aspecto central da ressonância desse discurso é a sua

capacidade de dar respostas à crise vivida pela pequena burguesia, a partir da responsabilização de grupos e/ou ações políticas, tratados como os inimigos a serem combatidos. Nesse sentido, sua visão de mundo se constrói a partir da negação de tudo o que parece incompreensível nas relações contemporâneas, forjando uma explicação simplificadora e negacionista em relação ao conhecimento já produzido (CALIL, 2021). Num contexto em que o capitalismo dilui qualquer estabilidade e o individualismo desfaz os laços de solidariedade, essa sensação de pertencimento, forjada por meio do ódio, redireciona as angústias trazidas pela insegurança econômica e os desafios colocados por um pensamento que se abre ao diverso. Compreender a linguagem neofascista e a sua capacidade de ressonância é uma tarefa central para sua superação.

Palavras-chave: Neofascismo; Escola Sem Partido; Léxico.

REFERÊNCIAS

- BOITO JR., Armando. Neofascismo e neoliberalismo no Brasil do Governo Bolsonaro. *Observatorio Latinoamericano y Caribeño*. v.4, n.2, 2020. p. 8-30.
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas linguísticas*. São Paulo: Edusp, 2008.
- CALIL, Gilberto. Olavo de Carvalho e a ascensão da extrema-direita. *Argumentum*, v. 13, n. 2. 2021. p. 64-82.
- ESCOLA SEM PARTIDO. Página inicial. Disponível em: . Acesso em: 13 abr. 2024.
- GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.
- MATTOS, Marcelo Badaró. *Governo Bolsonaro: neofascismo e autocracia burguesa no Brasil*. São Paulo: Usina Editorial, 2020.
- MIGUEL, Luís Felipe. Da “doutrinação marxista” a “ideologia de gênero”: Escola Sem Partido e as leis da mordaza no parlamento brasileiro. *Revista Direito e Práxis*, v. 07, n.15, 2016. p. 590-621.